



A CONTROVÉRSIA JUDAICO-CRISTÃ E A LIBERDADE GENTÍLICA EM CRISTO NA CARTA AOS GÁLATAS.

THE JEWISH CHRISTIAN CONTROVERSY AND GENTILE FREEDOM IN CHRIST IN THE LETTER TO THE GALATIANS

Luciano Cozendey dos Santos

Doutor em Ciências da Religião – COHEN USA

cozendeyldas@gmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva analisar a controvérsia entre os judaizantes e gentílicos, usando para esta investigação a carta de Paulo aos Gálatas. Abordaremos o tema da liberdade cristã mostrando que em Cristo fomos libertos de toda prática de rituais que tinham a finalidade de nos justificar diante de Deus. Apresentaremos uma investigação para que possamos buscar entendimento no contexto bíblico eclesial, tendo como alvo a compreensão do desenvolvimento do conhecimento a respeito dos gentílicos e dos judaizantes no contexto bíblico, examinando as perversões judaicas que ainda causam dissensões na Igreja e o contraste entre a lei e a graça. Buscando uma correlação com os cristãos de berço e os milhares que passam a prática cristã depois de uma determinada idade, procurando também, avaliar o preparo das comunidades cristãs para receber, ensinar e cuidar dessas vidas “diferentes”, ou seja, com costumes, prática e, às vezes, até mesmo caráter forjado em tantas coisas que estão longe da vida cristã. Os resultados obtidos mostram que, verdadeiramente, a Igreja não está totalmente preparada para lidar com pessoas que não estão contextualizadas com os valores da Igreja hoje. Por isso, novos métodos devem ser analisados e apresentados para que esses “novos cristãos” possam receber sobre suas vidas, tanto as bênçãos, quanto as cobranças inerentes ao meio eclesial no qual estão sendo inseridos, podendo assim serem preparados de forma eficaz para que possam responder às exigências cristãs. Uma das características marcantes da cultura judaica e, ao mesmo tempo, uma das importantes razões pelas quais o cristianismo não pode se

manter ligado a ela foi o exclusivismo. Com o advento do Cristo, que é a manifestação do amor ao mundo e com o advento de Pentecostes, o cristianismo se caracterizou em sua base histórica, teológica e cultural, como inclusivista. Portanto, qual seria o parâmetro para que o cristianismo continuasse sendo alvo de um judaísmo extremo, que durante a história cristã causou tantos e tantos problemas, como o desentendimento a respeito da circuncisão, gerando o primeiro concílio da Igreja? Buscando trazer uma compreensão bíblica, portanto, concreta a respeito deste importante assunto, para com isso, de alguma forma, atrair a atenção para esses detalhes que não podem deixar de serem analisados.

ABSTRACT

This work intends to address the controversy between the Judaizers with the Gentile Christians, through the Apostle Paul's Epistle to the Galatians researching. We will address the theme of Christian liberty and showing that in Christ we were delivered from all practice of rituals that were meant to justify us before God. We introduce an investigation that we can understand in the church biblical context, targeting the understanding of the development of knowledge concerning the Gentiles and Judaizers in the biblical context, examining the Jewish perversions which still cause dissension in the Church, and the contrast between law and grace. Seeking a correlation with the cradle of Christians and the thousands who come to Christian practice after a certain age. Looking for also to evaluate the preparation of the Christian communities to receive, teach and take care of these different people lives, i.e., customs, practices and sometimes even a character forged in so many things that are far from Christian life. The results show that the Church truly is not fully prepared to deal with people who are not contextualized with the values of the church today. Therefore, new methods should be analyzed and presented to those "Christians" can receive on their lives both blessings as the charges inherent to the ecclesiastical environment in which they are being inserted and can thus be prepared effectively so they can respond the Christian demands. One of the hallmarks of Jewish culture, and at the same time one of the important reasons why Christianity cannot hold on to it was exclusivism. With the advent of Christ, which is the manifestation of the love of the world and with the advent of Pentecost Christianity was characterized at its base, historical, theological and culture, as inclusivist. So, what would be the parameter to Christianity continued extreme Judaism target and during Christian history caused many, many problems, such as disagreement about circumcision, creating the first council of the Church. Seeking to bring a biblical understanding, so concrete about this important issue, somehow attract attention to those details that cannot fail to be analyzed.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer deste estudo procuramos, inicialmente, fazer uma pormenorizada apresentação da Carta aos Gálatas, a fim de situar o leitor nas grandes questões que provocaram o aparecimento desse escrito, entre outras questões menores, para em seguida desenvolver o grande tema da liberdade, ora tentando defini-lo a partir do lugar em que se encontra em Gl 5:1, ora tentando situá-lo no conjunto literário de todo o escrito. Desse modo, trilharemos dois caminhos inevitáveis perguntando-nos em que lugar especificamente a liberdade se encontra no corpo da epístola, ao mesmo tempo em que, procuramos explicá-la, na tentativa de definir o seu correto significado.

A igreja teve seu início na cidade de Jerusalém. Evidentemente, nos primeiros anos de sua história, as atividades da igreja limitaram-se àquela cidade e arredores. As sedes gerais da igreja daquela época eram o Cenáculo, no Monte Sião, e o Pórtico de Salomão, no Templo.

Todos os membros da Igreja Primitiva eram judeus e, tanto quanto podemos perceber, nenhum dos seus membros, bem como nenhum dos seus integrantes da companhia apostólica, a princípio podia crer que os gentios fossem admitidos como membros da igreja. Quando muitos admitiam que o mundo gentio se tornasse judeu, para depois aceitar a Cristo.

Os judeus da época se dividiam em três classes, e as três estavam representadas na Igreja de Jerusalém. Os Hebreus eram aqueles cujos antepassados haviam habitado a Palestina durante várias gerações, eram eles a verdadeira raça israelita. Seu idioma era chamado “língua hebraica”, a qual, no decorrer dos séculos, havia mudado de hebraico clássico do Antigo Testamento para o dialeto que se chamava aramaico ou siro-caldaico.

Os judeus gregos ou helenistas eram descendentes dos judeus da dispersão, isto é, judeus cujo lar ou cujos antepassados estavam em terras estrangeiras. “Evidentemente sempre houve uma rivalidade entre esses grupos na cultura judaica.”¹. Depois da conquista do Oriente por Alexandre o Grande, o grego chegou a ser o idioma predominante em todos os países a leste do Mar Adriático, até mesmo em Roma, e por toda a Itália. Por essa razão, os judeus de ascendência estrangeira eram chamados “gregos” ou “helenistas”, apesar de a

palavra “heleno” referir-se a grego. Era o ramo da raça judaica mais numerosa, mais rica, mais inteligente e mais liberal. E os prosélitos, que eram pessoas não descendentes de judeus, as quais renunciavam ao paganismo, aceitavam a lei judaica e passavam a pertencer à igreja judaica, recebendo o rito da circuncisão.

Os elementos ultra judeus da igreja sustentavam que não podia haver salvação fora de Israel. Por essa razão, diziam que todos os discípulos gentios deviam ser circuncidados e observar a lei judaica.

Entretanto, os mestres progressistas, encabeçados por Paulo e Barnabé, declaravam que o evangelho era para os judeus e para os gentios, sobre a mesma base da fé em Cristo, sem levar em conta as leis judaicas. Entre esses dois grupos surgiu então uma controvérsia que ameaçou dividir a igreja: “uma coisa era não deixar o evangelho corromper-se, outra era não permitir a fragmentação da igreja.”².

Finalmente, realizou-se um concílio em Jerusalém para resolver o problema das condições dos membros gentios e estabelecer regras para a igreja no futuro. Convém registrar que nesse concílio estiveram representados não somente os apóstolos, mas também os anciãos e “toda a igreja”. Paulo, Barnabé, Pedro e Tiago, irmão do Senhor, participaram dos debates.

Chegou-se, então, a esta conclusão: a lei alcançava somente os judeus e não os gentios crentes em Cristo. A partir desse momento, começou o período de transição de uma igreja cristã-judaica para uma igreja de todas as raças e nações. Todavia, esse concílio não solucionou por completo esse problema, que, de acordo com a carta aos Gálatas, continuou sendo motivo de preocupação do Apóstolo.

Atualmente, muitas igrejas têm tido dificuldades no tratamento de novos membros. Esse problema entre judaizantes e gentílicos ainda é uma realidade presente na igreja atual. A quantidade de pessoas que chegam às igrejas, na sua maioria, têm problemas familiares, problemas de caráter e de conduta. Na maioria das vezes, essas pessoas têm uma incrível dificuldade de se adaptarem à uma comunidade formada por pessoas no evangelho desde o nascimento.

A leitura dos primeiros seis capítulos de Atos dos Apóstolos dá-nos a entender que durante esse período o apóstolo Simão Pedro era o dirigente da igreja. Mas com a conversão de Paulo, a teologia passou de simples para

sistemática e Paulo começa a ter dificuldades para que os gentios convertidos ao cristianismo fossem aceitos pelos judeus sem entrarem debaixo do jugo da lei judaica, que queriam fazer com que todas as pessoas convertidas ao cristianismo fossem circuncidadas também.

Esse fato gerou o Concílio de Jerusalém, pois, em todas as sociedades ou comunidades organizadas, há sempre duas classes de pessoas: os conservadores, olhando sempre para o passado; e os progressistas, olhando para o futuro. Assim aconteceu naqueles dias.

O objetivo da Pesquisa é buscar conscientizar as igrejas para a necessidade de se obter um preparo maior no tratamento de pessoas que se convertem sem conhecer princípios bíblicos, orações ou dogmas.

Na verdade, como tentaremos mostrar, Paulo faz do princípio fundamental da liberdade o marco teórico em torno do qual toda a sua escritura é criativamente pontuada. Como variações de um mesmo tema, o Apóstolo costura a sua temática com diferentes e complexos elementos retirados tanto do Primeiro, quanto do Segundo Testamento. Desse modo, há na Carta aos Gálatas uma síntese perfeita entre uma paixão avassaladora pelo ressuscitado e, ao mesmo tempo, uma cerrada argumentação doutrinal, densamente concatenada, linear, coerente, sem quebras absolutamente, mas cheia de direção.

A pesquisa se faz necessária porque Deus tem acrescentado cada vez mais vidas à igreja e temos conhecimento, através da Palavra, que esse número só tende a crescer. A igreja precisa se apropriar dos conhecimentos Espirituais para que esta nova geração não seja menosprezada. Não podemos mais viver um evangelho de choro, lágrimas e continuar vendo pessoas, por quem Cristo também morreu, sofrendo e padecendo pela dificuldade de adaptação em igrejas despreparadas para a grande colheita. (STOTT, John R. W. A Mensagem de Atos. Santa Catarina: ABU, 1990. Pg.133. STOTT, John R. W. Op. Cit. Pg.287)

2. CARTA AOS GÁLATAS

2.1 A epístola e sua importância

A Carta aos Gálatas, embora esteja entre as cartas relativamente breves do Apóstolo, nem por isso figura como menos importante no corpo doutrinal

paulino. Nela encontramos, como num longo esboço, as principais e fundamentais linhas teológicas de raciocínio do Apóstolo. Paulo procurou responder aos seus interlocutores a partir de temas fundantes e, que permanentemente se entrecruzam nos Testamentos, tais como: a lei e a liberdade, a promessa, a graça, a obediência, a fé como pressuposto de uma vida cristã, o batismo, a adoção filial, o amor como fruto do Espírito, entre outros.

Há na Carta aos Gálatas outro aspecto interessante: o de que em nenhuma outra carta Paulo se deixa revelar tão abertamente. O Apóstolo nunca se mostrou tão apaixonado e nervoso como aqui. Ele parece dar-se por inteiro, sem disfarces, com todos os sentimentos que dele podemos captar: surpresa, indignação, tristeza, angústia, ternura e amor, filiação para com os seus na fé. Nesse aspecto, “São Paulo escreve esta Epístola, a mais violenta de todas, cheia de indignação e ironia amarga (5,12), mas também cheia de um amor apaixonado”

Dois outros aspectos devem ser pontuados quando tratamos da importância da leitura de Gálatas. Primeiramente, há o fato de esta carta haver registado o início do crescente distanciamento entre cristianismo e judaísmo, provocado pelo conflito com os judaizantes. A história da Igreja primitiva e, nela, do cristianismo, foi assumindo identidade própria.

Em Gálatas vemos a Igreja que vai conquistando a própria personalidade, desapegando-se progressivamente do judaísmo, com o qual, de início, se confundia. Isso aconteceu não sem dificuldades, choques e hesitações internos, superados, no entanto, sob a direção do Espírito.

Em segundo lugar, não devemos esquecer de que Gálatas, juntamente com Romanos, são cartas inspiradoras da Reforma Protestante, justamente por causa do seu tema: a reivindicação da liberdade cristã.

Finalmente, pelo fato de sempre despertar no leitor moderno certa atração, motivada pelo seu raciocínio e por suas linhas argumentativas, especialmente no que tange à ideia de liberdade, pressuposto básico da cultura ocidental moderna. Devemos ainda determinar até que ponto há realmente uma proximidade entre os escritos do Apóstolo e a modernidade, de forma concreta no termo liberdade.

2.2 Compreendendo a origem da controvérsia

Em suas observações, os biblistas são claros quando tratam do surgimento da grande divergência que envolveu Paulo e os judaizantes. De fato, não se tratava de problemas corriqueiros, ou de pequenas crises internas, comumente registradas por murmúrios de Igrejas.

De notícias inquietantes de que alguns haviam convencido os cristãos da Galácia de que eles não podiam ser cristãos corretos sem serem circuncisados e sem observar a Lei de Moisés. Eles lembraram que Paulo não era um dos doze, mas apenas uma espécie de apóstolo secundário, e que seu Evangelho não era o mesmo seguido pelos outros apóstolos.

O Evangelho estava correndo sério perigo entre os gálatas, missionários de fora haviam penetrado nas comunidades. A posição deles era de um cristianismo judaizante ao extremo, exigiam dos gentios cristãos da Galácia a circuncisão (Gal 5,2s; 6,12s), confundiam as jovens comunidades declarando que, sem a circuncisão exigida pela Lei Mosaica, não há salvação. O apóstolo tinha que enfrentar uma contra missão judaizante, cujas teses esvaziavam o Evangelho de seu conteúdo essencial ('eram outro evangelho', 1,7) e que reduzia a nada a cruz de Cristo (Gl 2,1; 3,13; 5,11; 6,12- 14).

Para além desses diagnósticos, concordes em sua maioria, surge naturalmente a pergunta: Quem eram esses forasteiros e de onde vinham? Na Carta aos Gálatas, Paulo os chama de modo genérico e desprezível como "pessoas" (Gl 1,7), "alguém" (Gl 1,9), "eles" (Gl 4,17; 6,13). Além de serem intrusos, segundo a Carta, podemos colher outras informações: eram cristãos de origem judaica, pelo nascimento ou pela conversão, circuncidados (Gl 6,13), que consideravam a mensagem transmitida aos gálatas como "Evangelho" (Gl 1,6). O fato é que tais informações se repetem no modo com que os teólogos veem o conflito. Há, porém, escritores que, além da constatação do problema existente, procuraram mapear sua origem, seu princípio.

Quando fundou as Igrejas da Galácia, Paulo atuou como emissário de Antioquia. Todavia, sob pressão de Jerusalém, a comunidade Antioquina optou por uma versão de cristianismo completamente judaica, que Paulo não aceitava (Gl 2,11-21). Seu fracasso em persuadir aqueles que outrora patrocinaram sua

campanha missionária na Europa, de que estavam sendo injustos com membros pagãos da Igreja, levou-o a um rompimento.

A verdade é que ao considerarmos esse alinhamento da visão cristã, mais judaica por parte de Antioquia e por parte da Igreja-Mãe, Jerusalém, teríamos que admitir como natural a pressão sobre as Igrejas irmãs e, naturalmente, sobre as comunidades fundadas por Paulo. Estava formado, portanto, o quadro da origem da Carta aos Gálatas: de um lado Paulo reagindo com indignação aos intrusos judaizantes e, de outro, estes alegando que Paulo, por fazer certas concessões, perdera sua autoridade sobre as Igrejas da Galácia, já que eram fundações Antioquinas. O que vieram fazer, então, os judaizantes? Restabelecer a disciplina e reimplantar o que consideravam o autêntico cristianismo.

2.3 Missão vinda de Deus

Paulo precisava responder com inteligência ao ataque feito pelos judaizantes à sua pessoa, como missionário do Senhor.

Um erro de direção na crítica de seus adversários teria facilitado, de algum modo, tal tarefa, visto que insistiam no fato de Paulo estar distante da comunhão com a Igreja de Jerusalém. Nesse sentido, em favor de Paulo, encontra-se o fato de sua diminuta permanência em Jerusalém. Ademais, poderia haver contra-argumentado do acolhimento dos notáveis da Igreja quanto à confirmação de sua obra (Gl 2,1-10), o que não teria ocorrido tão facilmente se a insistência tivesse recaído sobre Antioquia, cidade em que Paulo residiu por anos e o aceitou como missionário, pelas mãos de Barnabé e que, agora, objetava a sua missão. A pergunta é: O que faria de Paulo, naquele momento, verdadeiramente um Apóstolo do Senhor? No plano meramente humano, abandonara sua perseguição furiosa à Igreja de Cristo. Em decorrência dessa mudança de atitude, o encontro com o próprio ressuscitado, nas estradas de Damasco (At 9,3) teria provocado a mudança de vida, justificando desse modo, o seu mandato como tendo sido conferido pelo próprio Cristo.

É importante insistir no encontro de Paulo com o ressuscitado. Isto porque Paulo poderia usá-lo como contraponto à pregação judaizante, primeiro como um acontecimento inusitado, surpreendente e que transformou completamente

seu antigo sistema de valores. A aparição de Cristo a Paulo teria sido algo inesperado, violento (1 Cor 15,8). Num segundo momento, descobrindo que o Cristo estava vivo e ressuscitado, coisa que como fariseu negava, forçosamente tal fato remeteu Paulo a reavaliar boa parte de seu arraigado sistema de convicção farisaico.

3 CONCLUSÃO

3.1 Lições e provocações de Gálatas

Há uma importante lição, profundamente atual, no discurso teológico de Paulo presente na Carta aos Gálatas, sobretudo no que tange à liturgia, ou seja, ao nosso modo de celebrar a fé.

Acreditamos que Paulo não teve a pretensão de desenvolver ou enquadrar o comportamento dos fiéis, muito menos impor um sistema novo a fim de ordenar aos neoconvertidos regras de como viver a fé, além de algumas orientações gerais. Não teve também a intenção de criar qualquer código disciplinar, tampouco inventar uma cartilha de como deveria agir o novo crente. Ao contrário, esperava que cada comunidade encontrasse a forma de viver criativamente o Evangelho fundado, sobretudo, na lei maior do amor.

A questão que se coloca é se, por medo do relativismo e de outros males advindos da modernidade, não impedimos o florescimento da criatividade nas nossas celebrações? Não engessamos nossa vida de fé num formalismo religioso maior talvez, do que aquele que o Apóstolo combateu em sua Carta, quando introduzimos em nossos documentos pequenas e incontáveis regras litúrgicas, e até mesmo o modo de como os cristãos devem se aproximar da Eucaristia? Não acabamos por suprimir um culto alegre e sincero que expresse honestamente o sentido maior de estarmos reunidos? Quando determinamos que até mesmo a indicação de um ministro da eucaristia deve passar pelo do crivo do bispo local, não anulamos a Liberdade e modernidade?

Outra importante discussão encontra-se exatamente no sentido do que representa a verdadeira liberdade. Como notamos repetidamente na Carta aos Gálatas, a liberdade é, antes de tudo, um dom que nos leva, pelo Espírito, a reconhecer a condição de filhos de Deus revelada no amor e na entrega livre e

obediente do Filho na cruz. A marca dessa liberdade é, portanto, a vivência autêntica do serviço mútuo na comunidade. Ser livre, nesse caso não é fazer o que queremos, mas colocar-nos constantemente na defesa da vida e da esperança. É promover o bem superando toda forma de egoísmo.

2.2 A Lei

Na defesa da fé em Jesus Cristo contra o discurso dos judaizantes, Paulo acabou criando uma teologia libertadora. Os gentios que, para o Apóstolo não precisavam se judaizar, foram alcançados pela salvação na medida em que passaram a acreditar em Jesus Cristo e na sua eficácia redentora realizada na cruz.

Os judaizantes, ao contrário, ainda que cristãos, colocavam a Lei como pedra de toque de salvação, como conjunto de normas irrefutáveis que deveria guiar todo homem. Faziam da Lei a esperança última e única de salvação para toda criatura humana.

Paulo desconfiava da Lei como princípio básico e universalmente válido para tudo e todos. Tal postura dialética do Apóstolo não deveria ser um princípio válido com relação a toda espécie de lei? Especialmente àquelas tradicionalmente sedimentadas e que não mais contribuem ao desenvolvimento humano? Esse posicionamento paulino não seria extremamente atual na medida em que acabou lançando, por exemplo, um dramático questionamento ao estado moderno burocrático que acaba criando uma intrincada teia de leis, códigos, expulsando para longe os pobres, os novos gentios, que não têm como ter acesso aos seus “serviços”? Essa provocação paulina não poderia ser dirigida especialmente ao Poder Judiciário, tenha este um toque religioso ou não, que no dito Estado democrático de direito legisla para os fortes em detrimento dos pequenos? Não teria se tornado o Estado moderno e sua máquina de fazer leis um Estado de exclusão?

3.3 Ecumenismo

Na crítica de Paulo aos judaizantes, em nenhum momento o Apóstolo se erigiu em julgador do judaísmo, tampouco teve a pretensão de revisar a religião de seus pais. Como fizemos questão de sublinhar, Paulo carregou grande parte

de sua herança judaica, especialmente seu jeito de argumentar. Toda a mudança nele ocorrida só se deu em razão do seu encontro com o ressuscitado em Damasco. Nesse sentido é sempre importante repetirmos que a discussão travada por Paulo na Carta aos Gálatas teve a intenção de direcionar-se de cristãos para cristãos e não de um cristão tentando desqualificar uma religião.

Sendo assim, nos perguntamos: Nesse momento em que Ocidente e Oriente são varridos por uma onda violenta de todo tipo de proselitismo, Paulo não nos teria ensinado, a partir de Gálatas, o valor fundamental da tolerância? Quando em nome de uma religião somos até capazes de destroçar milhares de vidas inocentes, Paulo não teria provocado ao apresentar a imagem de um Cristo que está em todos e que, em vez de Senhor, é servidor? Retomando e proclamando ainda com mais força a centralidade do amor no coração de todo aquele que crê, não estaria o Apóstolo questionando profundamente a raivosa intolerância de algumas religiões do mundo de hoje? A universalidade da salvação defendida por Paulo não seria, por si só, uma crítica radical a toda forma de sectarismo?

3.4 Porque os cristãos não guardam a Lei

1 – A Lei de Moisés foi dada aos filhos de Israel (Êx.19,3,6). Nós, cristãos gentios, não somos filhos da nação Israel;

2 – Jesus cumpriu a lei cerimonial. Tal cumprimento significa não apenas sua obediência, mas a satisfação das exigências da lei cerimonial através da obra de Cristo;

Precisamos entender que os mandamentos da lei mosaica se dividem em vários tipos. Vamos, basicamente, dividi-los em mandamentos morais, civis e cerimoniais. Os mandamentos morais dizem respeito ao tratamento para com o próximo (Não matarás; não adulterarás; não furtarás etc). Tais ordenanças estão vinculadas à palavra amor; Os mandamentos civis são aqueles que regulamentavam a vida social do israelita, são regras diversas que se aplicam às relações da sociedade. Um bom exemplo é o regulamento da escravidão; Os mandamentos cerimoniais são aqueles que se referem estritamente às questões religiosas, são as ordenanças que descrevem os rituais judaicos.

A classificação de um mandamento dentro desses tipos nem sempre é fácil. Algumas vezes, uma lei pode pertencer a dois desses grupos ao mesmo tempo, já que a questão religiosa está por trás de tudo. A sociedade israelita era essencialmente religiosa, o Estado e o sacerdócio nem sempre se encontravam separados. Contudo, tal proposta de classificação já serve para o nosso objetivo. A lei moral se resume no amor a Deus e ao próximo, como é dito em Gálatas 5.14 “Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Os princípios morais permanecem válidos no Novo Testamento. Hoje, não matamos o próximo, mas não por causa da lei de Moisés e sim por causa da lei de Cristo (Gálatas 6.2) “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo”, à qual os gálatas deviam obedecer. A lei de Cristo é a lei do amor a Deus e ao próximo, as leis civis do povo de Israel não se aplicam a nós.

Além dos motivos já expostos, nossas circunstâncias são bastante diferentes e temos nossas próprias leis civis para observar. O cristão deve obedecer às leis estabelecidas pelas autoridades humanas enquanto essas leis não estiverem ordenando transgressão da vontade de Deus (Rm.13.1) “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas”. As leis cerimoniais judaicas foram abolidas por Cristo na cruz (o significado de cada uma delas se cumpriu em Cristo).

Por esse motivo, mesmo os judeus que se convertem hoje ao cristianismo estão dispensados da lei cerimonial judaica. Por isso, não fazemos sacrifícios de animais, não guardamos o sábado, não celebramos as festas judaicas etc. Se alguém quiser observar algum costume judaico, isso não constituirá problema, desde que a pessoa não veja nisso uma condição para a salvação e nem prometa através destas coisas tornar alguém mais espiritual. (Rm 14.1 -8) “Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões. Um crê que de tudo pode comer, mas o débil come legumes; quem come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o acolheu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o sustentar. Um faz

diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente”.

Além de tudo isso, é bom que citemos as palavras de Paulo: “(...) Não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.” (Rm.6.14). “Quando Paulo declara que o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Isso significa que, se não fosse o poder de Deus conferido através do evangelho, ninguém teria forças, em si mesmo, para voltar-se para Deus”.

3.5 Perversões judaicas que ainda causam discussões na Igreja

Algumas perversões judaicas que ainda causam discussões na igreja já foram citadas neste livro, mas existem outras dificuldades que precisam ser analisadas como a preparação que a igreja precisa ter para receber as pessoas que o Senhor está acrescentando em seu seio (At.3.47; Rm.15.5-11). Atualmente, as igrejas têm se aperfeiçoado nos louvores, nas danças, enfim, têm buscado meios de atrair o maior número de pessoas a seus cultos, mas é preciso que a igreja também se aperfeiçoe na busca de metodologias claras para tratar dos novos membros que não param de chegar e precisam de uma estrutura para ajudá-los a permitir que Deus transforme não só seu caráter, mais também toda sua vida.

Os valores que uma comunidade cristã passa para seus adeptos é algo que transcende as questões que norteiam o mundo: 1. A importância da família, pelo fato de ser uma instituição divina; 2. A necessidade do homem receber a Jesus para ter comunhão com Deus; 3. A importância do próprio homem para Deus.

Por outro lado, o choque na vida do indivíduo que vive em um mundo prostituído e cheio de pecado lhe causa dificuldades em muitas áreas como: família destruída, caráter forjado etc. Quando este indivíduo chega à igreja, traz consigo toda esta carga e precisa de ajuda em todos os aspectos e uma orientação que, na verdade, não deixa de ser uma reeducação para viver uma realidade maravilhosa, e muito diferente da que ele estava acostumado viver, exigir do catecúmeno um comportamento exemplar sem antes ajudá-lo a ser transformado pelo Senhor. O que acontece em muitos casos é que a igreja, por

estar despreparada no contexto de novos convertidos, requer desta pessoa um comportamento parecido ou igual ao de pessoas que nasceram em berço cristão, ou que já estão na igreja há muito tempo. A igreja do Senhor Jesus Cristo vive um momento como tantos outros que já aconteceram em sua história, de muita importância, porque precisa buscar métodos para tratar com esses novos membros (Gentílicos). Porque verdadeiramente a igreja não está totalmente preparada para tratar de vidas que não estão contextualizadas com os valores da igreja hoje.

O apóstolo Paulo em sua carta aos Gálatas precisou opor-se a um falso evangelho (para refutar os seguintes erros que eles ensinavam: 1. Que a obediência à Lei misturada com a fé é necessária à salvação; 2. Que o crente é aperfeiçoado guardando a Lei, 3. Para restaurar os gálatas que haviam caído da graça). O fato que levou o Apóstolo a precisar voltar para impedir que os Gálatas caíssem da graça foi a falta de discipulado, que nos faz aprender que a necessidade de discipular é muito importante para se obter crentes firmados na Palavra. Contudo, se faz mais necessário a preparação da igreja, visto que esse problema entre judaizantes e gentílicos é uma realidade presente na igreja atual. A igreja não pode viver só de louvores espetaculares, megacultos e continuar a ter em seu seio pessoas que ainda padecem de dificuldade de se adaptarem em todo o contexto da igreja.

Penso que a igreja, com todo o potencial que tem recebido pelo Espírito Santo de Deus, é capaz de, quando preparada, ser verdadeiramente um instrumento nas mãos do Senhor, visto que, quanto mais preparada a igreja estiver, com certeza continuará sendo um instrumento poderoso nas mãos do Senhor para a salvação de muitas vidas.

A grande pressuposição da história do dogma parece ser que o dogma da igreja é mutável e, de fato, tem passado por muitas modificações durante seu desenvolvimento histórico. O que é imutável não é passível de desenvolvimento e nem de história. A teologia protestante sempre manteve a posição de que o dogma da igreja, posto que caracterizado por alto grau de estabilidade, está sujeito às modificações e, no curso da história, vem sendo enriquecido por novos elementos, recebendo formulação mais cuidadosa e até certas transformações.

Uma segunda pressuposição da história do dogma é a de que o desenvolvimento do dogma da igreja se deu ao longo de linhas orgânicas, pelo que foi, sobretudo, um crescimento contínuo a despeito do fato que líderes eclesiais, nos seus esforços de apreender a verdade, com frequência se desviaram para becos sem saída, que a própria igreja, no seu todo ou em parte, algumas vezes errou na sua formulação da verdade. A revelação especial de Deus é o desdobramento gradual do conhecimento estereotipado de Deus e da ideia remidora ligada a Cristo Jesus.

A igreja, em suas tentativas para apreender a verdade, simplesmente tenta pensar os mesmos pensamentos que Deus pensa. Ela faz isso sob a direção do Espírito Santo, que é o espírito da verdade e, como tal, garante que ela irá vendo crescentemente a verdade como um organismo inteiramente estruturado. “O povo de Deus apresenta-se visivelmente sob liderança do Espírito na festa de Pentecoste, sendo que esse evento não se apresenta como um começo totalmente novo, mas como o cumprimento espetacular das promessas veterotestamentária”.

A história do dogma, talvez, não seja mera crônica, registrando a história extrema dos vários dogmas da igreja. É a história de um crescimento orgânico, bem como das operações internas da mente da igreja, pelo qual também pressupõe um desenvolvimento contínuo do dogma eclesial.

Se a igreja do passado houvesse agido sobre a pressuposição, agora advogada por muitos, de que as condições mutáveis da vida religiosa de vez em quando requerem um novo dogma e de que, cada época deve formular seu próprio dogma, desfazendo-se do velho e substituindo-o por outro que melhor se harmonize com a condição espiritual do momento, então teria sido perfeitamente impossível escrever uma história do dogma no sentido orgânico do termo.

Teremos de prosseguir baseados na pressuposição de que a igreja, apesar de melancólica aberração que caracteriza sua busca da verdade e que, com frequência, a tem levado a caminhos errados, mesmo assim vai gradualmente avançando em sua apreensão e formulação da verdade. Teremos de supor que, nem mesmo uma tremenda reviravolta religiosa como foi a reforma, constituiu rompimento completo com o desenvolvimento doutrinário do passado. Apesar de termos a percepção de que muitos erros foram

desmascarados e corrigidos, os reformadores buscaram apoio para seus pontos de vista nos pais da igreja primitiva, não hesitando mesmo em adotar algumas das posições que foram moldadas durante a idade média.

O fato que a história do dogma aborda primeiramente os dogmas da igreja, não quer dizer que ela não deva interessar-se por aqueles desenvolvimentos doutrinários que ainda não tinham sido incorporados nos credos oficiais e que talvez nunca fossem. Seria equívoco supor que poderia começar com o Concílio de Nicéia e terminar com a adoção da última das confissões históricas.

A fim de descrever a gênese dos mais antigos dogmas da igreja, o ponto inicial dela tem que ser o fim do período de revelação especial no estudo dos Pais Apostólicos. Ela terá de levar em conta aquelas formações prévias dos dogmas da igreja que resultaram das discussões teológicas da época e que receberam aprovação quase geral, embora não tenham gozado do selo oficial da igreja, assim como aquelas verdades periféricas que necessariamente se derivaram do dogma central e controlador, embora não tivessem recebido sanção eclesiástica especial e, finalmente, aqueles desenvolvimentos posteriores da verdade doutrinária que preveem e preparam o caminho para formulações adicionais de dogmas teológicos. Já que o dogma da igreja não é fruto de construção mecânica, e sim de crescimento orgânico, o estudo da história dele não pode pensar em limitar sua atenção aos resultados claramente definidos que foram obtidos em diferentes épocas, mas também deve considerar os estágios intermediários com sua promessa de frutos ainda melhores e mais ricos.

Segue-se disso que, no que concerne à história externa, a história do dogma não pode negligenciar as grandes controvérsias doutrinárias da igreja, as quais foram as dores de parto de novos dogmas e que, com frequência, exerceram influência determinante sobre sua formulação. Nessas controvérsias tornaram-se patentes as diferenças de opinião e, em alguns casos, isso deu origem às diferentes linhas de desenvolvimento, tendo surgido formulações doutrinárias que não combinavam com a consciência unida da igreja em geral ou de alguma denominação específica. “Entretanto, até mesmo tais desvios da linha principal de pensamento, são importantes na história do

dogma, visto que com frequência levaram a mais clara e aguda formulação da verdade”.

Mas, se a história do dogma não pode ignorar qualquer dos fatos externos que estão vinculados ao desenvolvimento do dogma, jamais deveria perder de vista o fato de que ela se importa, primeiramente, com o desenvolvimento do pensamento teológico na consciência da igreja, razão por que deveria acompanhar o desenvolvimento da ideia inerente à revelação feita pelo próprio Deus. Vale ressaltar também, que a palavra “dogma” se deriva do termo grego *dokein*, o qual, expressão *dikein moi* significa não só “parece-me” ou “agrada-me”, mas também definitivamente algo de modo que para mim é fato estabelecido.

Dogma chegou a designar uma firme resolução ou um decreto, especialmente de forma pública. Era termo aplicado às verdades indiscutíveis da ciência, a convicção filosófica que eram tidas como válidas, a decretos governamentais e às doutrinas religiosas oficialmente formuladas. Se um dogma religioso é uma verdade baseada sobre autoridade, oficialmente formulada por qualquer assembleia eclesiástica, porque não formular métodos para obter um melhor preparo no ensino dos novos crentes (gentílicos), uma vez que pode ser formulado mediante assembleia com a presença da autoridade pastoral?

É fato que a igreja do Senhor Jesus Cristo verdadeiramente precisa, cada vez mais, se preparar para uma realidade nova, seja nos cânticos, seja nas danças, ou em trabalhar essa realidade entre crentes novos ou crentes de berço, porque tudo que fazemos, devemos fazer com todas as nossas forças e bem, como diz o Salmo 33:3.

NICODEMOS assim comenta: “Acredito que qualquer modelo de espiritualidade deve estar estribado no Novo Testamento. E nele não acho qualquer fundamento para viver, por exemplo, uma vida de contemplação. A espiritualidade Bíblica é muito mundana, ou seja, coloca-nos como gente nesse mundo, onde temos de fazer a diferença como sal e luz. É claro que tiramos tempo com o Senhor, para orar, meditar e estar com Deus, mas é só um tempo, não a vida toda. Há muito a ser feito.”

Portanto, a igreja do Senhor precisa, cada vez mais, entender sua história para poder desenvolver estratégias que venham auxiliá-la a tratar com o cristão

de berço e os tantos que Deus está acrescentando à comunidade. “A igreja receberia poder de permanência e, apesar de todas as adversidades, prevaleceria. Nem mesmo o adversário conseguiria derrubá-la”.

Ao concluirmos este artigo, podemos considerar que foi impossível esgotar o assunto, primeiro pela sua profundidade e complexidade teológica e, segundo, porque esta não era e nem podia ser a nossa intenção, mas possibilitando-nos a possibilidade de tirarmos algumas conclusões.

Se a igreja tinha uma interpretação equivocada sobre a graça de Deus e as obras da lei, ela corria sérios riscos de perverter o evangelho da verdade. Por esse motivo, ele insistentemente corrigia, exortava e doutrinava os cristãos a não se desviarem do verdadeiro evangelho.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira. Bíblia Revisada e Atualizada. São Paulo: SB, 1999.

BAYER, Oswald. A teologia de Martin Lutero. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

NICODEMOS, Augusto. O que estão fazendo com a Igreja. São Paulo: Mundo Cristão, 2008. Pg.84

SWINDOLL, Charles R. A igreja desviada. São Paulo: Mundo Cristão, 2012. Pg. 27

BALANCIN, Euclides Martins. História do Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 1990. 9- BALLARINI, T. Introdução à Bíblia. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1974.

BAUER, J. B. Dicionário bíblico-teológico. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Loyola, 2000.

BERKHOF, Louis. Teologia Sistemática. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BORGER, Hans. Uma história do povo Judeu. São Paulo: Sêfer, 1999.

BORNKAMM, Gunter. Paulo: Vida e Obra. Santo Andre: Academia cristã, 2009.

BROWN, C.; COENEM, L. Dicionário de teologia do Novo Testamento. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Paulinas, 2000.

BRUCE, F.F. Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

CALVINO, João. Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses: Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010, p. 22-23.

As Institutas da Religião Cristã: São Paulo: Cultura Cristã, vol2, 2006. 20. Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses: Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos: Editora Fiel, 2010.

COMBLIN, J. A liberdade cristã. Petrópolis: Vozes, 1977.

COTHENET, E. A epístola aos gálatas. Tradução de Monjas Dominicanas. São Paulo: Paulinas, 1984.

DUNN, J. D. G. A teologia do Apóstolo Paulo. Tradução de Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

ERDMAN, C. R. Comentário à epístola de São Paulo aos gálatas. Tradução de Jorge César Mota. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1930.

FOHRER, Georg. História da religião de Israel. São Paulo: Academia Cristã, 2008.

FRIES, H. et al. Dicionário de teologia: conceitos fundamentais de teologia atual. v. III. São Paulo: Loyola, 1970.

Jerusalém no Tempo de Jesus. São Paulo: Edições Paulinas, 1983. -
KÄSEMANN, E. Perspectivas paulinas. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Teológica, 2003.

LOPES, Augustus Nicodemus. A Nova Perspectiva sobre Paulo: um estudo sobre as "obras da lei" em Gálatas. In: Fides Reformata XI, nº1, 2006.

LUTERO, Martinho. Nascido Escravo. São Jose dos Campos: Fiel, 2009.

PACKER, J. I. Vocábulo de Deus. São José dos Campos: Editora Fiel, 1994. 58
Teologia Concisa: síntese dos fundamentos históricos da fé cristã. Campinas: Luz Para o Caminho, 1998.

PEARLMAN, Myer. Através da Bíblia Livro por Livro. São Paulo: Vida. 1977. 60-
PFEIFFER, Charles F. (Org.). Comentário.